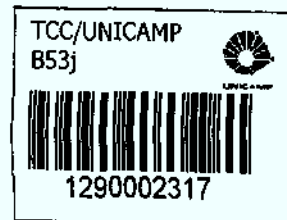


FABIANA LAZARIN BIRAL

**OS JOGOS POPULARES COMO FATOR DE
INTEGRAÇÃO DA PESSOA PORTADORA
DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA.**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS - 1992
UNICAMP**



Monografia apresentada na
Universidade Estadual de Campinas -
UNICAMP, Faculdade de Educação Física -
FEF, como requisito parcial para a
obtenção do título de Especialista em
Educação Física Adaptada.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Paulo Ferreira de Araújo pelo incentivo, orientação e oportunidade de participar do Projeto de Educação Física e Esporte para Pessoa Portadora de Deficiência.

A Professora Maria Lúcia Guedes Pinto Francischetti, pelos esclarecimentos solicitados.

A Bibliotecária Dulce pelas gentilezas.

Aos meus Pais pela oportunidade de estudar.

As pessoas que me ajudaram indiretamente na execução deste trabalho.

As pessoas que me ajudaram diretamente na execução deste trabalho: Pessoas Portadoras de Deficiência.

S U M A R I O

INTRODUÇÃO	PAG. 01
CAPITULO I - Caracterização da Clientela.....	PAG. 06
CAPITULO II - Atividade Propostas.....	PAG. 12
CONCLUSAO	PAG. 21
BIBLIOGRAFIA	PAG. 23

RESUMO

Buscamos com este trabalho ressaltar o valor integrativo que os Jogos Populares possibilitam as pessoas. Em nosso estudo damos ênfase a sua aplicação as pessoas portadoras de deficiência auditiva.

Partindo do pressuposto que a pessoa portadora de deficiência auditiva carregam a dificuldade de relacionar-se com as demais pessoas ouvintes devido o uso de linguagem diferente, portanto encontramos nos jogos populares uma linguagem de fácil entendimento, e domínio de suas regras pela maioria das pessoas. Isso possibilita a pessoa portadora de deficiência auditiva condições de poder estar participando juntamente com as pessoas ouvintes em sua comunidade, num mesmo nível de entendimento, além de desenvolver as habilidades motoras.

Assim esta monografia se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica acrescida de observações assistemáticas das práticas de atividades físicas desenvolvidas com um grupo de adolescentes portadores de deficiência auditiva na Faculdade de Educação Física da Unicamp.

Concluimos que a participação deste grupo nas práticas de atividades físicas propostas, entre elas os Jogos Populares, (exemplo: bets, queimada, bola de gude, etc), possibilitou uma melhora no relacionamento entre as próprias pessoas portadoras de deficiência com as pessoas ouvintes.

INTRODUÇÃO

A pessoa portadora de deficiência auditiva possui uma certa dificuldade de relacionar-se com as pessoas "ditas normais". Isto é, existe uma certa dificuldade de integração.

Segundo Telford, 1984 ¹, " quando as pessoas que ouvem são incapazes de comunicar-se com os surdos de maneira mutuamente satisfatória, frequentemente param de tentar fazê-lo e ignoram ou evitam por completo os surdos. Isso deixa os deficientes auditivos sozinhos e incentiva seu recuo para o isolamento."

Existe uma tendência para melhoria desse isolamento. Para isso as crianças deficientes precisam das mesmas oportunidades que as crianças não deficientes.

Fonseca, 1987 ², diz "que as formas de integração devem ser de várias ordens:

(1) criação da Escola Especial no local da Educação Normal (unidade de Educação especial - UEF) dentro das escolas já existentes;

(2) integrar os deficientes na comunidade dos não deficientes. Almoçam, brincam e realizam atividades curriculares e circum

escolares em conjunto (música, trabalhos manuais, Educação pelo movimento, Educação visual, etc). Esta integração deve ser feita o mais cedo possível, porque as crianças deficientes são mais rapidamente aceitas quando são mais jovens;

(3) integração total, quando a criança deficiente está integrada no currículo normal em tempo parcial ou tempo pleno."

Há também um prejuízo nas suas habilidades motoras. Para Flinchum, 1981 ³, "a habilidade motora na criança é utilizada para expansão de seu desenvolvimento, contribui para constituição do autoconceito e do papel a ser desempenhado na vida". Concordando ainda com a autora que "as crianças que tiveram poucas oportunidades de adquirir habilidades, que não possuem fator precisão, ou que são deficientes, em algum aspecto, estão sempre em desvantagens."

Com esse comprometimento haverá uma dificuldade de participação nas atividades físicas, influenciando as habilidades nos jogos, nas suas atitudes, na vida diária, etc. Consequentemente o deficiente auditivo poderá ter dificuldades no contato de jogos como por exemplo pega-pega, pular corda, bola de gude, etc...

Para Freire, 1989 ⁴, "esses brinquedos poderão garantir um bom desenvolvimento das habilidades motoras sem precisar impor as crianças uma linguagem corporal que lhes é estranha".

Concordo com o autor dizendo que estes jogos são importantes para o desenvolvimento da criança.

Há também um grande problema que atinge não só os deficientes auditivos, mas também os deficientes em geral. Existe a discriminação, sofrendo uma distinção entre pessoas deficientes e não deficientes.

Segundo Fonseca, 1987 2, "o deficiente é uma pessoa com direitos. Existe, sente, pensa e cria. Tem uma limitação corporal ou mental que pode afetar aspectos de comportamento, aspectos estes muitas vezes atípicos, uns fortes e adaptativos outros fracos e poucos funcionais."

Para o deficiente auditivo o seu ajustamento pessoal e social é mais difícil, possui um certo grau de incidência maior que já é comprovado em trabalhos de pesquisa.

Telford, 1984 1, "as barreiras da surdez e da linguagem limitada por certo, aumentam a incidência total de frustração, solidão, abandono e desespero."

Em nenhum momento podemos deixar o deficiente isolado privando-o de assumir funções de responsabilidade, dependência de algumas pessoas, torná-lo inútil, etc.

Fonseca, 1987 2, diz que "cabe aos pais a superação de culpabilidades biológicas e a criação de experiências de vida que garantam a estimulação adequada e a maximização de seu ajustamento social."

É preciso dar aos deficientes, oportunidades para entrar numa escola. Quanto mais cedo isto acontecer, poderá melhorar o seu ajustamento social e conseqüentemente o seu desenvolvimento. Portanto o seu relacionamento dentro de uma

escola lhe dará chances de poder frequentar um clube, e até mesmo a sua comunidade.

Partimos do pressuposto que os "Jogos Populares" integram a Pessoa Portadora de Deficiência na sociedade. Esta monografia tem por objetivo mostrar que através de jogos é possível esta integração. Neste sentido especificamente propõe: ensinar às Pessoas Portadoras de Deficiência Auditiva os "Jogos Populares", como por exemplo, pega-pega, bola de gude, etc; dar condições às Pessoas Portadoras de Deficiência Auditiva de poder participar de jogos em sua comunidade juntamente as pessoas ouvintes; adaptações dos jogos populares e de suas regras não oficiais; finalmente desenvolver através de jogos populares as habilidades motoras.

O desenvolvimento deste trabalho deu-se após a minha participação como profissional de Educação Física junto o grupo de Pessoas Portadoras de Deficiência Auditiva na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, junto ao Projeto de Educação Física e Esporte para Pessoas Portadoras de Deficiência.

Assim pude tomar conhecimento das dificuldades de relacionamento entre os próprios portadores de deficiência e pessoas "ditas normais".

A partir das observações obtidas durante o ano de 1991, é que pude perceber que sugerindo determinadas atividades divertidas, criativas e espontâneas, fosse possível contribuir e possibilitar que tal relacionamento acontecesse de forma mais natural.

Assim este trabalho se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, acrescido de observações assistemáticas das práticas de atividades físicas desenvolvidas com um grupo de adolescentes portadores de deficiência auditiva na Faculdade de Educação Física da UNICAMP.

Portanto no Capítulo I apresentaremos um Referencial Teórico que fundamenta a Pessoa Portadora de Deficiência Auditiva no contexto das atividades físicas e no Capítulo II relatarei as atividades físicas sugeridas as Pessoas Portadoras de Deficiência Auditiva através de Jogos Populares

Referências Bibliográficas

- 1) TELFORD, Charles W, et al. **O indivíduo excepcional.** Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- 2) FONSECA, Vitor da. **Educação Especial.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.
- 3) FLINCHUM, Betty M. **Desenvolvimento motor da criança.** Rio de Janeiro: Interamericana, 1981.
- 4) FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo: Scipione, 1989.

CAPITULO I

Caracterização da Clientela

A importância da fala e audição no desenvolvimento intelectual e social da criança é de grande valor, pois através de ambas provavelmente acontecerá sua integração na sociedade.

Para existir esta integração será necessário uma comunicação. Segundo Vayer, 1989 ¹, "a integração no mundo da comunicação faz necessária a presença do outro, pois é o outro que possibilita ao indivíduo reconhecer-se logo, ajustar-se - sua pessoa e seu discurso - ao contexto que constitui a realidade do momento. "

Uma falha no mecanismo da audição conseqüentemente poderá ocorrer atraso no desenvolvimento da fala, porque é pelo estímulo auditivo que se inicia a fala propriamente dita. Lafon, 1989 ², diz que "a fala é um gesto reconhecido pelo interlocutor através da audição e da visão."

Podemos observar esta falha quando a criança não fala. Concorro com o autor quando conclui que: "a comunicação é um modo de transmissão de uma informação entre os indivíduos."

Classificação Audiométrica

Existem várias classificações Audiométricas apresentado e a de Lafon, 1989 ², servirá como base para este trabalho.

"Referência curva audiométrica tonal I.S.O. (International Standarts Organization). O cálculo é feito sobre as frequências computadorizadas clássicas adotadas pela O.M.S.: 500 - 1000 - 2000 Hz. Qualquer frequência não percebida é contada como 120dB de perda.

Adiciona os valores em dB e divide a soma por 3.

- 1 . Audição normal ou sub-normal (limiar inferior a 20 dB)
- 2 . Deficiências auditivas leves (limiar de audição compreendido entre 20 e 40 dB)
- 3 . Deficiências auditivas médias (limiar compreendido entre 40 e 70 dB)
- 4 . Deficiências auditivas severas (limiar compreendido entre 70 e 90 dB)
- 5 . Deficiências auditivas profundas (limiar superior ou igual a 90 dB).

* Deficiência auditiva leve : a fala normal é percebida, mas certos elementos fonéticos escapam à criança, a voz fraca não é corretamente percebida.

* Deficiência auditiva média : a fala é somente percebida quando em voz forte, a leitura labial é utilizada, há certas dificuldades sem aparelho.

* Deficiência auditiva severa : a fala não é percebida, salvo em voz e muito forte, a leitura labial é muito utilizada, o

aparelhamento é formalmente indicado, a ortofonia é também indispensável.

* Deficiência auditiva profunda : a mudez é inevitável se a criança não receber uma Educação especial e se ela não estiver usando o aparelho. A leitura labial é indispensável."

A criança com um certo grau de audição pode aprender a falar, com ou sem dispositivo auditivo, já as que não possuem nenhum grau de audição não conseguem ouvir o suficiente para entender a palavra falada, conseqüentemente o desenvolvimento de suas habilidades motoras, como engatinhar, ficar em pé, andar, agarrar e adquirir conhecimentos de pessoas, lugares que irão ajudar no desenvolvimento da palavra falada, será prejudicado tornando uma criança dependente e precisando de cuidados especiais.

O grau da perda auditiva determina a necessidade de prótese auditivas ou não, intervenção de uma equipe multidisciplinar ou de alguns profissionais, encaminhamento as escolas especiais, a rede regular de ensino ou ambas. Seja qual for a necessidade o professor de Educação Física, desempenha um papel muito importante em todo processo de desenvolvimento da criança.

Para Freire, 1989 ³, "a Educação Física deve atuar como qualquer outra disciplina da escola, e não desintegrada dela."

Segundo o autor a importância do desenvolvimento das habilidades motoras está intimamente relacionada com o desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. Este

desenvolvimento, tanto físico quanto mental são indispensáveis, dentro e fora do ambiente escolar.

"As habilidades motoras precisam ser desenvolvidas, sem dúvidas, mas deve estar claro quais serão as consequências disso do ponto de vista cognitivo, social e afetivo."

Além das atividades que permitem o desenvolvimento das habilidades motoras, a Educação Física através de seu conteúdo diversificado possibilita atividades em grupos, atividades lúdicas e jogos.

Cardoso, 1969 ⁴, em seu trabalho define que o "jogo disciplina as emoções, desenvolve as tendências sociais, ensina a cooperar, a respeitar os direitos alheios, a subordinar o seu eu aos interesses do grupo. Os hábitos, atitudes e linguagem, adquiridas nos jogos, transferem-se para outras atividades. Servem, também, como meio de modificar o comportamento.

É através do jogo que a criança vai encontrar "oposição" às suas tendências, aos seus defeitos de comportamento. Ali aprenderá competir usando meios legais.

O jogo ensina a respeitar o adversário, ter domínio, obedecer a regras. Desperta o espírito de lealdade, cavalheirismo, justiça. Pacifica a criança agressiva, irritada; desembaraça a tímida e receiosa."

Já para Almeida, 1974 ⁵, "os jogos e as técnicas recreativas agem gradativamente nos indivíduos, fazendo com que

inúmeras barreiras de complexos e problemas sejam sanadas devido a naturalidade que se processa o método."

Essas possibilidades poderão levar a integração da criança Portadora de Deficiência Auditiva com as "ditas normais", dando oportunidades à elas de conviverem com outras crianças, mesmo que essa convivência seja de forma gradativa, tornando-a um elemento de um grupo social.

A Pessoa Portadora de Deficiência Auditiva pode tomar consciência de jogos, que possuem regras, mas que não são os das modalidades esportivas oficiais.

Estas regras são estabelecidas de acordo com cada estado, região e até mesmo numa comunidade, e são chamados de "Jogos Populares".

Piaget, 1978 ⁶, diz que "a regra é uma regularidade imposta pelo grupo, e de tal sorte que a sua violação representa uma falta."

Referências Bibliográficas

- 1) VAYER, Pierre, et al. **Integração da criança deficiente na classe.** São Paulo: Manole, 1989.
- 2) LAFON, Jean-Claude. **A deficiência auditiva na criança.** São Paulo: Manole, 1989.
- 3) FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo: Scipione, 1989.

- 4) CARDOSO, Edna M. Recreação e jogos para crianças surdas.
Esporte e Educação, s.n.t.(xerox)
- 5) ALMEIDA, Paulo N. **Dinâmica lúdica**. São Paulo: Loyola,
1974.
- 6) PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**. Rio de
Janeiro: Zahar, 1978.

CAPITULO II

Atividades Propostas

Neste capítulo relatarei as atividades físicas sugeridas a um grupo heterogêneo misto, com idade de 15 a 25 anos que possui diferentes perdas auditivas. Estas atividades se tornaram homogêneas no momento da execução. Foram jogos divertidos que muitas vezes pareciam ser a fonte de alegria, e também desenvolviam o espírito de cooperação, respeito, companheirismo e aos poucos as regras sociais.

Foi um momento de integração dando-lhes oportunidades de discussões, apresentações e conhecimentos de diferentes jogos e determinação das regras a serem obedecidas.

Para Aufauvre, 1987 ¹, "o jogo, comportamento espontâneo em uma sociedade, corresponde às possibilidades de auto-educação. Manifesta e favorece o desenvolvimento individual."

Classificação de Jogos

Não existe uma classificação específica para Jogos Populares, porém a que apresento abaixo é a mais condizente ao assunto.

Bandet, 1973 ², classifica os "jogos favorecendo a comunicação:

- jogos desmontáveis;
- armas (?) de índios;
- mascaradas;
- jogos da sociedade.

Já para Boratav, classifica como "Jogos de força e destreza

- 1- Destreza das mãos e dos dedos.
- 2- Dos pés.
- 3- Reflexos rápidos.
- 4- Outros.
- 5- Brinquedos (pião, papagaios de papel)."

Coletâneas de Jogos

Amarelinha

Ninguém sabe onde se começou a jogar amarelinha: ela é praticada nos mais diferentes países, desde a União Soviética ou a Inglaterra até a Índia ou China. Mas as regras apresentam pequenas modificações de região para região.

Já foram catalogadas mais de 20 versões diferentes da amarelinha. Exemplo: amarelinha céu-e-inferno, amarelinha da água, amarelinha da lua.

Regras Gerais:

Antes de iniciar o jogo, você e seus companheiros devem sortear a ordem em que jogarão: quem será o primeiro, o segundo, etc.

a) Parado na terra (ponto inicial), você vai jogar o marcador no quadrado No.1. E pulando em um só pé, deverá saltar da terra para o No.1, pegar o marcador e voltar. Em seguida, deverá lançar o marcador para o No.2, ir pegá-lo, passando pelo 1 e retornar à terra. E assim continua a brincadeira até o quadrado No.9. Quando o marcador cair em um quadrado errado ou sobre uma linha, o jogador cederá a sua vez ao jogar seguinte. Depois que todos jogarem ele voltará ao jogo e partir do ponto que parou.

b) Após cumprir todas as etapas do quadrado 1 ao 9, o marcador é lançado no céu. Pule até lá de quadrado em quadrado. Em seguida jogue o marcador no quadrado 9, proceda como no início do jogo, agora fazendo o caminho inverso, do céu para terra.

c) Em vez de lançar o marcador, empurre de quadrado em quadrado, ao mesmo tempo em que salta da terra até o céu e do céu até a terra.

d) Agora você repetirá 6 vezes o caminho de ida e de volta, sempre equilibrando o marcador em uma parte do corpo: primeiro no pé, depois na cabeça, no dedo indicador, no

antebraço, no joelho direito e no joelho esquerdo. Se o marcador cair, você deverá passar a sua vez ao jogador seguinte.

e) Com os olhos fechados e a cabeça levantada vá da terra ao céu e volte. Os outros jogadores pode ajudá-lo, orientando-o para onde pular.

f) Parado na terra e de costas para o desenho da amarelinha, jogue o marcador por cima do ombro. Se ele cair em um quadrado e não sobre uma linha, você escreverá suas iniciais no quadrado, tornando-o sua "casa". Nas partidas seguintes você poderá colocar os dois pés nele, e os demais participantes não poderão tocá-lo.

Bola de Gude

Feitas de pedra, cerâmica, mármore, vidro ou aço, há muitos séculos essas pequenas esferas constituem parte integrante do mundo dos jogos infantis, tanto quanto pião e o papagaio.

Os sistemas e as regras do jogo de bolas de gudes variam muito de país para país e até mesmo de região para região, embora a sua forma mais tradicional seja a de colocar bolinhas em uma série de buracos cavados no chão a uma mesma distância.

Apesar de ser um jogo tradicionalmente de meninos, é cada vez maior o número de meninas que se tornam não somente adeptas fervorosas das bolinhas de gude, mas também - para desespero dos meninos - exímias jogadoras.

Cabo de Guerra

Uma disputa entre dois grupos situados cada qual na extremidade de uma corda: separados por uma linha riscada no chão, cada grupo procura puxar o outro para o seu lado da linha.

Variações: Com uma corda de 180 metros e duas equipes de dezenas de pessoas, a linha divisória é um barranco, por onde são puxados os membros dos times perdedor.

Uma pequena trave de madeira substitui a corda, para dois jogadores. Aquele que atravessar a linha desenhada na areia perde a disputa.

Papagaios

Também conhecido no Brasil como quadrado, arraia, pipa, pandorga e cafifa, é difundido em todo o mundo.

É fabricado com papel de seda, cola e varetas de bambú.

Pernas de Pau

Elas podem ser construídas com duas hastes de madeira, em cada uma das quais se prega um estribo, próximo à extremidade inferior e mais ou menos a um terço da altura da haste. Com os pés apoiados nos estribos, e segurando-se na extremidade superior das hastes, a pessoa pode andar quase normalmente.

Peteca

Os tipos de peteca variam de região para região, mas o formato é quase sempre o mesmo: uma pequena bola ou disco

de couro, pano ou outro material semelhante com um feixe de penas preso na parte de cima. Geralmente é jogada em grupos, mas também pode-se jogá-la individualmente. O princípio básico do jogo é o de que a peteca deve permanecer no ar, lançada de uma pessoa para outra, com a palma da mão, até que um dos jogadores a deixe cair. Esse jogador é então eliminado, e vence o jogo quem consegue, dessa forma, derrotar todos os seus adversários. Costuma-se jogar em grupo, como se fosse um jogo de vôlei em que a peteca substitui a bola. É comumente disputado na praia.

Pião

Existem atualmente dois tipos de pião que são mais populares em todo o mundo: o de haste longa e o de corda. O primeiro tem o corpo em forma de disco e de seu centro sai uma haste longa, que é girada entre as palmas das mãos do jogador para movimentá-lo. O segundo, tem a forma de uma pera e sua parte superior termina em um cabo curto e grosso, havendo em sua extremidade inferior, que toca o chão, uma ponta de ferro.

Para jogar esse pião, enrola-se a fieira ou cordel em torno de seu corpo, da seguinte forma: depois de dar uma volta pelo cabo, a fieira desce verticalmente até a extremidade do pião, e a partir daí é enrolada em seu corpo em voltas sucessivas e bem próximas até chegar à extremidade superior, ficando a ponta do fio presa na mão do jogador. O pião é lançado e, quando a fieira é puxada, imprime um movimento giratório ao pião, que, ao tocar o chão, fica girando em equilíbrio.

Pular Corda

Existem várias modalidades de pular corda, sendo a mais praticada aquela em que a corda fica permanentemente em movimento, devendo cada participante "entrar" e "sair", isto é, pular e parar de pular, sem interromper o movimento da corda.

Variações: Zerinho, Quem pula mais sem errar, Foguinho.

Atividades com Bolas

A bola é um objeto importante nas atividades físicas. Vários esportes utilizam a bola como principal objeto de jogo.

Existem Variações de jogos com a bola. Como por exemplo: Bobinho ou João Bobo, Queimada, Revezamento com bolas, Iniciação ao esporte, etc...

Pega - pega (Pegador)

Escolhe-se um pegador que tentará pegar as demais crianças, dentro de um espaço limitado. Aquele que for pego passa a ser o pegador.

Existem centenas de Jogos Populares. Os apresentados neste trabalho se referem à uma pequena parte, vivenciados durante o trabalho desenvolvido com o grupo.

Portanto achamos importante neste momento comungar com alguns autores os quais apontam a Educação Física como o

caminho para a integração da pessoa portadora de deficiência, seja a nível de formação ou aplicação.

Costa, 1991 ³, "aponta para um envolvimento tanto dos profissionais com os órgãos governamentais em garantir o "direito" ao acesso a atividade física e esporte. Esta claro para nós, o relevante papel que a Educação Física e/ou esporte deve assumir no auxílio a integração do indivíduo consigo mesmo".

Tojal, 1991 ⁴, em seu trabalho "a formação de recursos humanos em Educação Física, voltado a questão da pessoa portadora de deficiência se coloca ao lado da universidade para que haja uma articulação no sentido de desenvolver pesquisa e uma melhor formação dos futuros profissionais de Educação Física para que se torne com melhor qualidade de vida a referida população".

Rodrigues, 1991 ⁵, diz que "não há como negar este fenômeno cultural que é o esporte mas da forma que ela se apresenta na prática, fica muito difícil pensar em Educação Física e esporte para pessoa portadora de deficiência, o elitismo e o descompromisso tem sido dois extremos preocupantes e identificados com certa frequência através das práticas pesquisadas".

Sobrinho, 1991 ⁶, "a Educação Física e o desporto tem nobre missão de contribuir, em momento mais oportuno, para a educação, para a vida em sociedade, educação para a saúde, lazer e para a descoberta e o desenvolvimento principalmente dos potenciais das pessoas portadoras de deficiência".

Malta, 1991 ⁷, "quanto a problemática dos Deficientes Auditivos podemos sem medo de errar destacar a

educação como sendo a solução de grande parte dos problemas existentes".

O Deficiente Auditivo sofre com a limitação da comunicação que é acentuada pelo pouco conhecimento (que a grande maioria não possui) o que dificulta a sua integração.

Não só a educação, mas sim todas as áreas de conhecimento deve ter o compromisso de transformação do saber, buscando na ciência todas as possibilidades de atingir o desconhecido, e neste ponto deve direcionar seu objetivo em detrimento de uma melhor qualidade de vida para o homem.

Referências Bibliográficas

- 1) AUFAUVRE, Marie-Renée. **Aprender a brincar Aprender a viver.** São Paulo: Manole, 1987.
- 2) BANDET, Jeanne, et al. **A criança e os brinquedos.** Lisboa: Estampa, 1973.
- 3) COSTA, Alberto M.da. **ANAIS do Encontro de Profissionais: Desporto e Deficiência.** Campinas, 1991.
- 4) TOJAL, João B.A.G. **ANAIS do Encontro de Profissionais: Desporto e Deficiência.** Campinas, 1991.
- 5) RODRIGUES, José L.e outros **ANAIS do Encontro de Profissionais: Desporto e Deficiência.** Campinas, 1991.
- 6) SOBRINHO, Pedro A. de **ANAIS do Encontro de Profissionais: Desporto e Deficiência.** Campinas, 1991.
- 7) MALTA, Rodrigo R. **ANAIS do Encontro de Profissionais: Desporto e Deficiência.** Campinas, 1991.

CONCLUSAO

As atividades sugeridas ao grupo de Pessoas Portadoras de Deficiência Auditiva na Faculdade de Educação Física da UNICAMP alcançaram os objetivos propostos, isto é a integração na sociedade dos mesmos através dos jogos.

Pude observar durante o decorrer das aulas que eles tentavam comunicar-se, e até mesmo aprender os jogos. Essa comunicação ocorreu não somente entre eles mas também com outras pessoas ouvintes que participavam nas atividades. Com o passar do tempo percebia-se que os deficientes desenvolviam as suas habilidades nos jogos e não ficavam em desvantagem com as pessoas "ditas normais".

Com a elaboração deste trabalho pude ter certeza da necessidade prática da Educação Física com as Pessoas Portadoras de Deficiência.

Respeitando a dificuldade que o aluno deficiente possui eu procuraria em primeiro lugar descobrir o potencial existente em cada um para desenvolvê-lo através dos jogos. Esse desenvolvimento que se fará lentamente, gradualmente, crescerá e possibilitará o conhecimento de novos jogos.

As dificuldades aos poucos serão vencidas facilitando a aprendizagem e diminuindo distâncias entre as

pessoas "ditas normais", e as Pessoas Portadoras de Deficiência, facilitando a participação social satisfatória.

Sugerimos que estes jogos possam ser aplicados em diferentes populações pelos profissionais atuantes. Também devem ser vivenciados pelos discentes de Educação Física.

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Paulo M. **Dinâmica Lúdica.** São Paulo : Loyola, 1974.
- AUFAUVRE, Marie-Renée. **Aprender a brincar Aprender a viver.**
São Paulo : Manole, 1987.
- BANDET, Jeanne, et al. **A criança e os brinquedos.** Lisboa :
Estampa, 1973.
- CARDOSO, Edna M. **Recreação e jogos para crianças surdas.**
Esporte e Educação, s.n.t. (xerox).
- COSTA, Alberto M.da. **ANAIS do Encontro de Profissionais:**
Desporto e Deficiência. Campinas, 1991.
- FLINCHUM, Betty M. **Desenvolvimento motor da criança.** Rio de
Janeiro : Interamericana, 1981.
- FONSECA, Vitor da. **Educação Especial.** Porto Alegre : Artes
Médicas, 1987.
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro.** São Paulo :
Scipione, 1989.
- LAFON, Jean-Claude. **A deficiência auditiva na criança.** São
Paulo : Manole, 1989.
- MALTA, Rodrigo R. **ANAIS do Encontro de Profissionais:**
Desporto e Deficiência. Campinas, 1991.
- OS MELHORES JOGOS DO MUNDO. São Paulo : Abril, 1978.
- PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança.** Rio de Janeiro :
Zahar, 1978.

- RODRIGUES, José L.e outros **ANAIS do Encontro de Profissionais: Desporto e Deficiência.** Campinas, 1991.
- SOBRINHO, Pedro A. de **ANAIS do Encontro de Profissionais: Desporto e Deficiência.** Campinas, 1991.
- TELFORD, Charles W, et al. **O individuo excepcional.** Rio de Janeiro : Zahar, 1984.
- TOJAL, João B.A.G. **ANAIS do Encontro de Profissionais: Desporto e Deficiência.** Campinas, 1991.
- VAYER, Pierre, et al. **Integração da criança deficiente na classe.** São Paulo : Manole, 1989.